

FORMAÇÃO DO PROFESSOR DE EDUCAÇÃO FÍSICA: HÁ ESPAÇO PARA A SENSIBILIDADE? 1

INTRODUÇÃO

Desde o Renascimento, os humanistas falam em *anima mundi*, a alma do mundo, que se manifesta em cada um de nós, (...) E o que os pensadores de várias épocas, consideram é que a alma do mundo está sofrendo, pela situação crítica em que se encontra o mundo, (...) e ainda mais por impedir que sua grande alma coletiva possa participar do que vem ocorrendo, expressando (...) seu ponto de vista sobre o que deveria ser feito para melhorar a situação global. Ela é deixada de fora, como se não fosse convidada à mesa, e todos discutem, os políticos, os técnicos, os cientistas, os líderes os jornalistas, os formadores de opinião... Mas qual é a fala da alma, quem fala por ela? (...) como dar-lhe voz, e então repito: a arte é uma maneira já testada e eficaz de dar voz à alma. (...) As crianças, quando adequadamente estimuladas - e não dirigidas -, querem maravilhar o mundo, querem torná-lo um lugar gostoso de estar, e o fazem através da arte. Nesse tipo de arte espontânea e ao mesmo tempo profunda, a alma fala, diz onde dói e o que poderá ser feito (GAMBINI, 2011, p. 199).

O texto acima nos provoca pensar em nossas mais íntimas sensações, o que vai em nosso âmago, o que nos move, o que nos toca. As experiências pelas quais passamos marcam nosso modo de ser e de se relacionar. A abertura, o trato, o cuidado com a sensibilidade aguça as potencialidades humanas de discernimento e compreensão de nós mesmos, dos outros seres e fenômenos, ou seja, possibilita sentir a complexidade e inteireza da existência e da coexistência. Essa abertura permite perceber, olhar, ouvir o outro com empatia e solicitude. O autor acima quer se referir a esse universo sensível que muitas vezes não encontra a devida importância, pois este universo escapa à objetividade do mundo, escapa ao saber científico formal. É desse modo que aprendemos a agir, de acordo com a razão, confiando no que a ciência comprovou como verdade. Este é nosso referencial, então a ciência tem nos afastado de nosso saber sensível, de nossas experiências vividas, sentidas, percebidas que também devem ser reconhecidas como uma forma de saber (não a única), mas como uma forma também válida de apreensão do real.

¹ O presente trabalho (não) contou com apoio financeiro de nenhuma natureza para sua realização.

Somos serem dotados de sensibilidade, mas no decorrer da história, o mundo tomou rumos que promoveu o que poderíamos chamar de um “bloqueio” da sensibilidade. A educação e o conhecimento a ser aprendido tem sido voltado para a crença na razão pela via da ciência, esse modo de pensar pragmático e técnico, tem sido a base do pensamento e conhecimento difundido. Esse pensamento provoca fronteiras entre ser humano e os diferentes saberes, entre o homem e a natureza, isso o afasta de sua unicidade, da capacidade de conhecer e se relacionar com mundo de forma orgânica, integrada, sensível.

Como consequências dessa forma de organização pragmática do ser humano, da sociedade e da formação humana, ocorre à desvalorização da sensibilidade, a desvalorização da arte como experiência formadora. Acreditamos que a atenção e o cuidado com a sensibilidade proporcionam a percepção e compreensão de possibilidades existenciais e limites, de fragilidades e forças, “leva-nos a identificar nossas próprias insensibilidades. Torna-nos não-indiferentes diante das contingências, das dores do mundo” (ARAÚJO, 2009, p.206).

A desvalorização da sensibilidade está presente também na formação do professor de Educação Física. Este professor, provavelmente irá formar alunos com o mesmo intuito. Assim, entende-se que experiências sensíveis durante a formação contribuem para o processo de plasmar (dar forma) o ser professor oportunizando que o mesmo reflita sobre sua prática docente. Se o professor não tiver essa oportunidade, provavelmente seus alunos também não terão.

Deste modo, tem-se como objetivo deste estudo fomentar reflexões a cerca da sensibilidade na formação de professores de Educação Física.

SENSIBILIDADE E O PROFESSOR DE EDUCAÇÃO FÍSICA

Propõe-se a seguir pensar a sensibilidade como possibilidade de ampliação da formação acadêmica perpassando principalmente as ideias de Silvino Santin (1995, 1997, 1998), as quais contribuíram para avançar na compreensão sobre a sensibilidade, assim como, provocaram reflexões sobre o tema na formação de professores de Educação Física.

No livro Educação Física: Ética, Estética, Saúde; Santin (1995), a partir de uma abordagem fenomenológico-hermenêutica, provoca-nos a viver o cotidiano, a nos envolver com a concretude da vida, a sentir-se e sentir com o outro, numa ruptura com o pensamento racional científico pautado em representar e explicar a realidade por meio de conceitos representativos da realidade, encarados como verdade. Ao percorrer os caminhos da estética, entendida pelo autor como sensibilidade, encontra-se no “sentimento e na subjetividade a

dinâmica do viver humano”, em que repousa a presença, a emoção, o sentir. Nas palavras do autor: “em lugar de identificar-se como um ser pensante, assumir-se como um ser vivente” (p.8).

Com isso, o autor procura chamar a atenção para a importância da sensibilidade e de como nos distanciamos desta devido nossa herança cultural pautada na razão, no pensamento científico, que atribui às técnicas e ao pensamento objetivo uma credibilidade exacerbada. Contudo o autor ressalta que a razão é inerente ao ser humano e constitui uma forma de sensibilidade, mas não a única. Então, “as ciências nos ensinaram a ver somente aquilo que é explicável; o que foge da explicação permanece invisível aos seus olhos. É esse mundo desconhecido que será preciso aprender a ver” (p.17).

Santin refere-se a sensibilidade, como um modo de conhecer, de sentir de experimentar, de compreender intuitivamente. Sensibilidade é relacionada também à vida afetiva, às emoções que também são uma forma de conhecimento. Este aspecto é o mais difundido e é tido como responsável por atitudes condenáveis, desprezíveis na vida do ser racional e principalmente do cientista. Nas palavras do autor

Assim, para o homem das ciências, os sentimentos não têm utilidade; eles atrapalham a verdade racional, ameaçam a virtude do homem religioso, dificultam a seriedade das pesquisas e, por fim, eles são uma ameaça ao exercício efetivo da justiça e da moral. Os sentidos e os sentimentos são enganadores, tanto para distinguir o bem e o mal, quanto para definir o verdadeiro e o falso. Só a razão garante a objetividade do conhecimento e a certeza da verdade (idem, p. 37).

O autor diz que ao levantar este debate que denuncia o objetivismo do conhecimento científico e reivindica o valor da subjetividade na produção do saber, tem buscado na sensibilidade meios de aproximar o conhecimento, da vida. Ele expõe que não será por meio de definições e conceitos que se alcançará a compreensão da sensibilidade, mas mergulhando no interior da vida.

Diante dessas reflexões suscitadas, sugere-se pensar a formação docente pautada na sensibilidade pois, no cotidiano enfrentado pelo professor, surgem questões como: O que fazer quando o que foi planejado para a aula, não acontece? Quando a turma não corresponde ao que se propõe? Quando algo inesperado impede que a aula continue como o previsto? O professor precisa estar preparado não só para fazer um bom planejamento e dar a sua aula, mas para adversidades que certamente vão acontecer em algum momento da prática docente. E então, como agir?

A formação do professor de Educação Física tem se baseado muitas vezes em ações como jogar, saltar, correr, etc. Contudo, o ensino na escola enquanto um local de

conhecimento, deve ir além da ação de jogar ou correr. É preciso construir um saber sobre o fazer, ou seja, é preciso que se saiba por que o jogo acontece de tal forma, como se constitui dessa forma, o que proporciona o que pode proporcionar, quais aprendizados acontecem, quais formas pode ser ensinado, etc. Na formação, para atuar na escola ou em outros estabelecimentos de ensino, é preciso os conhecimentos específicos didáticos e pedagógicos da Educação Física; os conhecimentos gerais; e, é preciso mais. É preciso estar preparado para atuar com desenvoltura, com perspicácia, com criatividade, para lidar com situações complexas e sutis. Pois, “as relações entre saberes e práticas extrapolam os domínios da competência teórica adquirida. O intempestivo atravessa a ordem das relações por vir, colocando profissional, estudante, saberes, práticas e instituições face ao imponderável” (ALVES et al, 2011, p. 240).

A formação precisa capacitar o professor para o imponderável ampliando o alcance de sua atuação docente. Então, o que se quer enfatizar aqui é que a formação provê uma gama de conhecimentos para que o professor esteja preparado, porém, muitas vezes, ou quase sempre, deixam escapar algo de essencial para lidar com o conhecimento que reflete no trato pedagógico na relação com a escola e conseqüentemente na relação com o aluno. Então é preciso mais experimentação, mais ludicidade, criatividade, fruição, é preciso sentir.

Ser sensível possibilita ao professor agir com desprendimento diante do inesperado, dá suporte para encontrar saídas mais adequadas as situações imprevistas, e aproveitar esses momentos em benefício de aprendizados que não estavam previstos no momento, proporcionando ao invés de prejuízo, uma oportunidade diferenciada (e quem sabe privilegiada), do processo de ensino e aprendizagem.

Por se tratar de outra forma de saber, é complicado pensar numa definição para a sensibilidade, e, de acordo com Santin (1998), podemos descrever como ela acontece ou como se manifesta. Em seu texto sobre educação e sensibilidade, Santin (1997), expõe à necessidade de se mudar as práticas acadêmicas que encontram nas definições e nos conceitos explicações para todo objeto de estudo (alguns temas necessitam de um olhar que as ciências não alcançam por meio de seus conceitos, suas metodologias e procedimentos, como é o caso da sensibilidade). É importante passar da conceituação e compreensão da sensibilidade para a sua vivência. E, nesta seara do sensível, principalmente a arte é que tem promovido sua manifestação. Ela possibilita expressar o que vai no nosso íntimo, o que extrapola as palavras e as definições. Entretanto a sensibilidade pode ser manifesta de outras formas que não a artística, como nos momentos em que nos deixamos extasiar pela beleza de um pôr do sol, ao ouvir o canto de um pássaro, ou ao ver um bebê dar seus primeiros passos. A sensibilidade

pode se manifestar em momentos de lazer em que nos permitimos usufruir cada momento sem cobranças ou preocupações com a função de estar ali ou de querer saber para quê serve ou medir o grau de aceitação alcançado, etc. A sensibilidade está presente também quando percebemos algo diferente, um detalhe, uma cor a mais ao olhar para a mesma figura. Porém, por vezes temos dificuldade de identificar sua presença pois, como aborda Kunz

Nossas capacidades sensíveis (...) foram bastante bloqueadas pela exagerada concentração em atividades racionalizadas para o acompanhamento da evolução cultural do mundo. Nossa visão concentra-se melhor sobre estímulos visuais que se repetem e que, muitas vezes, são alterados artificialmente para provocar esse movimento de concentração visual. (...) E isso também acontece com outros sentidos. Poderíamos dizer que nossa visão, audição, nosso paladar, tato e olfato estão abertos para o mundo, mas sente e passam à consciência apenas o que são constante e insistentemente instigados a sentir. Os movimentos, esportes e jogos podem ter um papel fundamental para restituir aos nossos cinco sentidos suas capacidades inatas. Basta, penso eu, prestar mais atenção no que ocorre com eles quando estamos atuando no esporte. (...) Numa aula de Educação Física isso deveria ser assunto constante de ensino (2009, p.45).

Então, para restituir nossos sentidos precisamos ter a oportunidade de “exercitar” a sensibilidade, de cultivar experiências que a despertem e a desenvolvam.

Santin (1997), fala de dimensões da sensibilidade, sem se ater a conceitos mas a descrições, o autor refere-se as dimensões como não mensuráveis, sendo que “seus limites se estendem até onde a vida alcança” (p.10). O autor aborda inicialmente a dimensão da *vida*, em que por ela somos cativados e levados a buscar e criar sempre outras perspectivas, outros olhares, novos horizontes, a sensibilidade promove e quer a intensidade da vida.

Outra dimensão é ser *livre*, a sensibilidade não fica presa a receitas, a preconceitos, ela se constitui na liberdade de pensamentos e ações “para atender a quem lhe solicita, lhe faz um pedido, lhe dirige um olhar” (p. 12). Então, diante de possibilidades de um agir docente em que a sensibilidade é *livre*, o professor terá desprendimento para mudar seu planejamento (por exemplo), sem que isso lhe aflija.

Neste caminho, a decisão também será *transgressora*, pois a sensibilidade não se rende as imposições e não se preocupa com as normas preestabelecidas, ela torna-se portanto, rebelde ao ser impedida de “escutar, de atender e de aproximar-se das pessoas que lhe estendem a mão pedinte (...)” (idem). Isso poderá implicar em atitudes que contrariam a normalidade, pois o professor não se furtará em ouvir seus alunos e atender a situação com compreensão.

Ainda, a decisão corre o risco de não ser acertada pois a sensibilidade é *comprometedora*, corre riscos, pois dedica-se ao outro na busca da melhor atitude a ser

tomada e mesmo sabendo que pode errar. O professor comprometido com a educação de seus alunos sabe que uma dose de ousadia é necessária, pois os desafios são frequentes e solicitam tomadas de decisão muitas vezes, passíveis de críticas.

Portanto, a sensibilidade é *perigosa* por assumir o compromisso da ação mesmo que não se tenha certeza de agir corretamente, pois, “um erro proveniente de um ato guiado pela intuição sensível será sempre condenável. Uma decisão racional sempre será tida como séria e sensata” (idem). Por tudo isso, a sensibilidade é também *presença*, é estar junto (é essencial o aluno sentir o professor ao seu lado), é sentir-se com o outro fortalecendo, impulsionando a avanços que podem nos guiar na direção de atitudes sensíveis.

Estas dimensões podem ser uma oportunidade de pensar novos rumos para a educação e para a formação docente, em que se estabeleçam relações humanas mais próximas. Porém, mesmo com as recentes alterações na formação em Educação Física ocorrida nos últimos anos, persiste uma lacuna da qual as disciplinas existentes não conseguem suprir, pois a Educação Física (e o contexto universitário em geral), apresenta um distanciamento entre ser humano e a experiência estética. Para isso, é necessário que se supere o contexto atual do ensino superior transformando-o.

Sabemos de fisiologia do exercício, biomecânica, esquemas motores, capacidade de aprendizagem e controle motor; comportamentos psicológicos, registros históricos, filosóficos, antropológicos e institucionais, suas adequações na escola (...) mas e suas sensibilidades onde estão? (ALVES et al, 2011, p. 242)

Esse desafio é grande, pois envolve mudança de paradigmas na formação, porém a perspectiva que se defende neste estudo mostra ser necessário ter em conta que os desafios e possíveis mudanças que envolvem a atuação docente, seja na escola, seja em outros ambientes educacionais, devem ser pensados no contexto do ensino superior.

Os questionamentos e reflexões sobre o ensino da Educação Física na escola, tem seus reflexos na formação superior, impulsionando a pesquisa na busca por possibilidades do ensino das práticas corporais que compõe a cultura de movimento. Dentro desses questionamentos pairam as dúvidas sobre o que está faltando? O que é importante fazer parte da formação de futuros professores? Destaca-se aqui a importância da arte enquanto oportunidade de fruição e experiência estética, onde se desenvolve a sensibilidade que é tarefa da educação. Pois, “a Universidade precisa da iniciação estética, além da iniciação científica” (GAMBINI, 2011, p. 197).

Apesar disso, o professor acaba encontrando “saídas” ao se deparar com situações da prática docente em que confronta o conhecimento adquirido com a situação imponderável que

lhe surge. Então, entre o conhecimento adquirido e a sensibilidade, o professor encontra seus próprios caminhos. Assim, a sensibilidade pode se manifestar também durante a prática docente quando conseguimos perceber e ajudar um aluno que está com problemas, ou quando surge algum impasse e sentimos quando é melhor deixar que os alunos conversem e resolvam a questão entre si ou quando é o momento do professor intervir.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir das reflexões aqui apresentadas se propõe pensar numa formação que vise ampliar a dimensão sensível do ser humano. Para isso é necessário que se dê atenção aos processos sensíveis que se dão em nós. O corpo enquanto detentor desses processos sensíveis, que permitem e ao mesmo tempo provocam o sentimento de estar no mundo, nos possibilita um saber primeiro para estabelecer relações com o mundo, com as pessoas, com os objetos, com outros saberes. A sensibilidade parece ser um saber que dispõe de artifícios de resistência, de transcendência, de apego as possibilidades infinitas da vida.

De acordo com Santin (1995), “é nos artifícios da arte que se instalam as forças da resistência da subjetividade. Porém, arte não pode ser reduzida às instâncias dos artistas reconhecidos, mas a toda criatividade subjetiva presente nas pessoas”(p. 7). Então, a arte por ser transgressora, por ser linguagem que expressa ideias, impressões, sentimentos, que estão no âmbito da sensibilidade, pode ser a fonte intuitiva que capta a realidade por outra via que não a da racionalidade científica, técnica e instrumental. Além disso, sensibilidade diz respeito a cada um de nós, alunos, professores, pais, cientistas, religiosos, políticos, empresários, comunicadores, enfim, a todo ser humano. Mas é preciso um reencontro com nossa dimensão sensível, uma educação para a sensibilidade num mundo “dominado” pela lógica de mercado, pela vantagem sem escrúpulos, pela manipulação midiática regida pelo lucro de poucos a custa de muitos.

Reconhece-se o desafio a que se propôs neste texto e os limites do mesmo em relação ao tema que demanda maior atenção. Porém, ciente disso, acredita-se na pertinência das reflexões aqui apresentadas para que se repense a questão da formação do professor de Educação Física no fomento da sensibilidade.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALVES *et al.* A “escrita de si”na formação em Educação Física. *Movimento*. Porto Alegre, v. 17, n. 02, p. 239-258, abr/jun, 2011.

ARAÚJO, M. A. L. Os sentidos, as sensibilidades e sua fruição no fenômeno do educar. *Educação em Revista*. Belo Horizonte, v.25, n.02, p. 199-222, ago. 2009.

GAMBINI, R. Quando a alma dói: a psicologia tem o que aprender com Drummond e Chopin, entre outros. In: ALBANO, Ana Angélica e STRAZZACAPPA, Márcia. (Orgs.) *Entre lugares do corpo e da arte*. Campinas: FE/UNICAMP, 2011.

KUNZ, Elenor. Esporte: uma abordagem com a fenomenologia. In: STIGGER, Marco Paulo & LOVISOLO, Hugo.(Orgs.) *Esporte de rendimento e esporte na escola*. Campinas: Autores Associados, 2009.

SANTIN, S. *Educação Física: ética, estética, saúde*. Porto Alegre: Edições EST, 1995.

_____. *Educação e Sensibilidade*. Disponível em: http://www.labomidia.ufsc.br/Santin/Filosofia/Educa%C3%A7ao_e_Sensibilidade.pdf acesso em: 04 junho 2014.

_____. *Humanização e Sensibilidade: um novo olhar na enfermagem, perspectivas para o novo milênio*. Disponível em http://www.labomidia.ufsc.br/Santin/Saude/4_Humanizacao_e_sensibilidade.pdf acesso em 04 junho 2014.